

## **A ESCULTURA PARA DENTRO**

Luíza Interlenghi

O olhar desliza na superfície das curvas e torções presentes nas esculturas de Eduardo Frota. A cor e a porosidade da madeira atraem como a pele de um corpo desejado; dissimulam, porém, sedutora armadilha. As formas tubulares são interrompidas em seus extremos por aberturas que deixam entrever uma região interior inacessível. Construídos através da meticulosa sedimentação de camadas planas de madeira, os volumes ocos, que circundam o vazio, atraem o interesse do observador distraído, a mover-se entre as coisas do mundo. Essas aberturas puxam o olhar para dentro, descolando-o da superfície, e sugam-no para um território parcialmente velado. A superfície respira e atrai, chega mesmo a entreabrir-se em uma das obras. Mas ela é, sobretudo, o avesso do que está oculto. As obras de Frota induzem à consciência da opacidade das coisas e insinuam o prazer da cegueira, frente à prepotência da razão que tudo conhece.

O interesse pela dissociação entre superfície e volume aparece já nos primeiros trabalhos tridimensionais de Eduardo. O artista pintava, então, áreas de cor em relevos de madeira, de modo que a cor dilatava ou contraía o volume em desacordo com a variação das espessuras sutis do relevo.

O desencontro entre a percepção da cor e a apreensão da forma tridimensional mantinha o sujeito-observador retido na dúvida, preso pela ambiguidade entre a forma percebida e a estrutura concreta da obra. Em trabalhos posteriores, o espaço é dinamizado apenas por estruturas que dobram sobre si mesmas, criando nós tensionados internamente. A contração progressiva do volume leva a um colapso da forma, que, agora, nas esculturas atuais, aparece em negativo, submetida à reversão de seus elementos constituintes.

As estruturas cilíndricas que buscavam a síntese do campo espacial desaparecem. O artista inverte a noção de essência do espaço, cara à nossa tradição construtiva por permitir a exploração de volumes surgidos no intervalo entre dois planos, obtidos na ausência de matéria. Nas obras de Eduardo Frola, que dialoga com esta tradição, o vazio, de modo diverso, sublinha a falta, intensifica o sentido da ausência. A retirada da parte central dos discos de madeira que compõem essas esculturas esvazia o suposto lugar da essência. O novo princípio estrutural se exerce, então, a partir da periferia da forma - seus elementos constituintes são arruelas planas. Este novo *logos* torna a escultura extremamente suscetível às modulações do plano: são as variações na espessura das camadas de compensado que geram as curvas dilatadas e torções que seduzem o observador. No interior, porém, apenas o vazio.

Mas se a presença de cada obra é tão concreta como a sensação de espaço experimentada com paredes, teto e chão, o caráter aberto e interrompido destes trabalhos, estranhamente construídos com fatias de planos vazados, sugere que o ponto de partida para a compreensão de seu sentido seja a aceitação de sua natureza incompleta e a relativa inutilidade que impõe a exclusão transitória dos referenciais habituais do visível.

Apenas aparentemente, porém, estes fragmentos estabelecem uma relação negativa com o exterior. Cada peça é uma instância de passagem que retém o sujeito no tempo e deixa o vazio escoar por suas brechas, levado pelos ares do mundo.

**CENTRO CULTURAL SÃO PAULO – SÃO PAULO/SP – 1998**